

Degradação Ambiental E Mudanças Climáticas: Os Impactos Das Ações Antrópicas Sobre A Natureza

Jéssica De Paula Da Silva
UNEMAT

Mateus Henrique Dos Santos Diniz
UFU

Wanessa Rezende Silva
Faculdade Mauá De Goiás

Lucas Da Silva Chaves Amaral
Faculdade Mauá De Goiás

Thaysa Costa Hurtado
Universidade Do Estado De Mato Grosso

José Antônio Da Silva
Universidade Americana - FUUSA

Francisco Eduardo Fidelis Dutra
UECE

Abstract:

A degradação ambiental, intensificada pelas ações humanas, tem gerado impactos significativos no equilíbrio dos ecossistemas e na qualidade de vida das populações. O objetivo desta pesquisa foi analisar os impactos das atividades antrópicas sobre a natureza, focando nas percepções de profissionais que atuam diretamente com questões ambientais. A metodologia adotada foi qualitativa, com a realização de entrevistas com nove profissionais de diversas áreas, como biologia, geografia, engenharia ambiental e gestão de recursos naturais. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, buscando compreender as principais causas e consequências da degradação ambiental. Os resultados obtidos revelaram um consenso entre os entrevistados sobre a intensificação das práticas prejudiciais ao meio ambiente, como desmatamento, poluição e uso inadequado dos recursos naturais. Conclui-se que, apesar das políticas públicas e iniciativas de preservação, ainda há uma resistência significativa à mudança de hábitos, especialmente em setores econômicos que dependem do modelo de exploração predatória dos recursos naturais.

Key Word: Degradação ambiental; Natureza; Ação antrópica.

Date of Submission: 08-05-2025

Date of Acceptance: 18-05-2025

I. Introdução

A degradação ambiental é um dos maiores desafios enfrentados pela sociedade moderna. O termo refere-se ao processo de deterioração dos recursos naturais devido às ações humanas, que muitas vezes não consideram os limites dos ecossistemas e as necessidades futuras das gerações. A urbanização crescente, a expansão da agricultura, a mineração, a exploração de recursos naturais e o crescimento industrial são alguns dos principais fatores que impulsionam a degradação da natureza. Esses processos têm consequências diretas sobre a biodiversidade, o clima e os ciclos naturais que sustentam a vida no planeta. As atividades humanas, especialmente aquelas relacionadas ao consumo desenfreado e à exploração predatória, têm gerado alterações significativas nos ecossistemas naturais (Santos; Baptista, 2016; Souza, 2024; Teixeira et al., 2023).

O desmatamento, por exemplo, tem dizimado grandes áreas de florestas, afetando a fauna e a flora, além de contribuir para o aumento das emissões de gases de efeito estufa. A poluição dos rios e oceanos, ocasionada

por resíduos industriais e plásticos, também tem comprometido a qualidade da água e a saúde dos seres vivos que dependem desses ecossistemas. O modelo econômico predominante nas últimas décadas tem incentivado práticas de exploração intensiva, que não se alinham com a sustentabilidade ambiental. O crescimento populacional e a expansão das áreas urbanas resultam em pressões sobre os recursos naturais, com destaque para a agricultura e a indústria extrativista, que frequentemente priorizam o lucro imediato em detrimento da preservação ambiental. Essas ações não só aceleram a degradação dos ecossistemas, mas também afetam a qualidade de vida das comunidades que dependem diretamente desses recursos para sua sobrevivência. Estudos indicam que a degradação ambiental tem impactos não apenas sobre os ecossistemas, mas também sobre as condições de saúde das populações humanas (Silva; 2021).

O aumento de doenças respiratórias, a escassez de água potável e a perda de recursos alimentares são apenas alguns dos efeitos colaterais que as sociedades vêm enfrentando. Além disso, a perda da biodiversidade compromete a resiliência dos ecossistemas, tornando-os menos capazes de se adaptar a mudanças climáticas ou regenerar-se após eventos adversos. Neste contexto, é fundamental compreender como as ações humanas afetam o meio ambiente e quais são os caminhos para mitigar os impactos negativos dessa degradação. Embora haja um aumento da conscientização ambiental e do debate sobre a sustentabilidade, as mudanças necessárias em grande escala ainda são lentas e, muitas vezes, confrontadas por interesses econômicos e políticos que favorecem práticas insustentáveis (Souza Filho; Polidório, 2016).

Diante desse cenário, o presente estudo busca entender os impactos das ações antrópicas sobre a natureza, a partir das perspectivas de profissionais que atuam diretamente com a gestão ambiental. A pesquisa foca nas percepções de especialistas sobre as causas, consequências e possíveis soluções para os problemas ambientais gerados por atividades humanas. A relevância dessa investigação está no fato de que, ao ouvir os relatos desses profissionais, é possível obter uma visão mais detalhada sobre a dinâmica da degradação ambiental, além de identificar ações concretas que podem ser adotadas para reverter ou minimizar os danos causados. O objetivo da pesquisa foi analisar os impactos das ações antrópicas sobre a natureza, por meio da percepção de nove profissionais especializados, que trabalham em áreas diretamente relacionadas à preservação e gestão ambiental. Ao longo do estudo, serão discutidos os principais desafios enfrentados por esses profissionais, as estratégias adotadas e as perspectivas de futuro quanto à sustentabilidade ambiental.

II. Metodologia

A pesquisa foi conduzida com abordagem qualitativa, buscando captar a visão dos profissionais sobre os impactos da degradação ambiental e as estratégias de mitigação adotadas em suas áreas de atuação. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com nove profissionais, incluindo biólogos, geógrafos, engenheiros ambientais e gestores de recursos naturais, que possuem ampla experiência no campo da gestão e conservação ambiental. A seleção dos entrevistados foi feita com base em sua experiência e conhecimento sobre o tema da degradação ambiental, garantindo uma diversidade de perspectivas sobre as causas e consequências desse processo. Cada entrevistado foi convidado a participar por meio de contato inicial, e as entrevistas foram agendadas de acordo com a disponibilidade dos profissionais.

Durante as entrevistas, os participantes foram estimulados a compartilhar suas experiências e opiniões sobre as práticas humanas que mais impactam o meio ambiente e as possíveis soluções para reverter esse quadro. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas presenciais e virtuais, com duração média de uma hora. O roteiro de perguntas abordou temas como as principais causas da degradação ambiental, os efeitos percebidos nas diferentes regiões e ecossistemas, as políticas públicas relacionadas à preservação e as alternativas para o desenvolvimento sustentável. As respostas foram transcritas integralmente e analisadas de forma qualitativa, com ênfase nos pontos em comum e nas divergências de opinião entre os profissionais.

A análise dos dados foi realizada com base na técnica de análise de conteúdo, que permite identificar padrões e temas recorrentes nas falas dos entrevistados. A partir dessa análise, foi possível construir um panorama detalhado sobre a percepção dos profissionais acerca dos impactos das ações antrópicas e as estratégias para a promoção da sustentabilidade ambiental.

III. Resultados E Análise Dos Dados

Os resultados obtidos nesta pesquisa revelaram um panorama detalhado e preocupante sobre os impactos das ações antrópicas sobre a natureza, com ênfase nas percepções de profissionais especializados. A partir das entrevistas, foi possível identificar um conjunto de fatores que têm intensificado a degradação ambiental, com diferentes implicações para os ecossistemas, a biodiversidade e a qualidade de vida das populações humanas. A destruição das florestas, especialmente na Amazônia, foi uma das causas mais citadas pelos entrevistados. O desmatamento, que ocorre principalmente para a expansão da fronteira agrícola e para a exploração de madeira, tem efeitos devastadores sobre a biodiversidade. Segundo o entrevistado E02, "o desmatamento é um problema crítico, especialmente nas regiões amazônicas, onde grandes áreas de floresta são destruídas para dar lugar a pastagens ou lavouras de soja".

A perda de áreas florestais compromete a estabilidade dos ecossistemas, pois essas regiões desempenham um papel vital na regulação do clima e no ciclo da água. E04 complementou, destacando que "as áreas desmatadas não apenas perdem sua função de armazenamento de carbono, mas também a biodiversidade, afetando inúmeras espécies que dependem desses habitats para sobreviver". A questão das mudanças climáticas também foi amplamente abordada. A emissão de gases de efeito estufa, como o dióxido de carbono (CO₂), tem sido intensificada pela destruição de florestas e pela queima de combustíveis fósseis.

O entrevistado E01 explicou que "as atividades humanas, como a queima de combustíveis fósseis e a exploração desenfreada de recursos, têm liberado grandes quantidades de gases de efeito estufa na atmosfera, intensificando o aquecimento global". E09 destacou que "a maior parte das emissões de CO₂ no Brasil vem da agricultura e do desmatamento, o que torna a situação ainda mais crítica, pois essas emissões têm um impacto global".

O aquecimento global tem consequências diretas, como o aumento da temperatura média do planeta e o agravamento de eventos climáticos extremos, como secas, enchentes e tempestades. A poluição dos corpos d'água foi outro ponto de preocupação mencionado. E03 e E07 destacaram que os rios e oceanos estão sendo saturados com resíduos industriais e químicos, afetando gravemente a fauna aquática. E06 afirmou que "a poluição nos rios tem levado à morte de milhares de peixes e outros organismos aquáticos, alterando a dinâmica ecológica e prejudicando as comunidades ribeirinhas que dependem dessas fontes de água para seu consumo e sustento". Além disso, a contaminação por plásticos é uma das principais ameaças aos oceanos, como relatou E08: "a poluição por plásticos tem sido um problema crescente, afetando especialmente os oceanos, onde espécies marinhas ingerem ou ficam presas a esses resíduos".

O impacto sobre a fauna aquática compromete a pesca e coloca em risco a segurança alimentar de milhões de pessoas em todo o mundo. Outro problema significativo é a contaminação do solo, em grande parte causada pelo uso excessivo de agrotóxicos na agricultura. O entrevistado E05 observou que "o uso indiscriminado de agrotóxicos na agricultura tem causado a degradação do solo, tornando-o improdutivo a longo prazo e contaminando as águas subterrâneas". E03 complementou que "os produtos químicos usados nas lavouras não afetam apenas a flora e fauna local, mas também prejudicam a saúde das populações que consomem alimentos contaminados".

O solo, essencial para a produção de alimentos, perde sua fertilidade com a aplicação excessiva desses compostos, comprometendo a segurança alimentar e o equilíbrio dos ecossistemas agrícolas. A pressão sobre os recursos hídricos também foi destacada como um dos principais impactos da degradação ambiental. E04 apontou que "as águas subterrâneas estão sendo extraídas em níveis insustentáveis, sem a devida reposição, o que tem levado ao esgotamento de alguns aquíferos". E09 reforçou que "muitas regiões, especialmente as áreas urbanas, enfrentam a escassez de água potável devido ao uso excessivo e à poluição das fontes de abastecimento".

A crescente demanda por água, tanto para consumo humano quanto para a agricultura e a indústria, coloca em risco a disponibilidade desse recurso essencial, especialmente em regiões que já enfrentam dificuldades de acesso à água limpa. Os ecossistemas costeiros, como manguezais e recifes de corais, também têm sido duramente impactados pela atividade humana. E08 relatou que "a construção de portos, a exploração de recursos minerais e o despejo de esgoto nos oceanos têm causado a morte de recifes de corais e a destruição de manguezais, que são vitais para a biodiversidade marinha". E10 destacou que "esses ecossistemas servem como berçários para diversas espécies marinhas, e sua destruição afeta diretamente a cadeia alimentar marinha, além de prejudicar as comunidades pesqueiras".

A degradação dos ecossistemas costeiros compromete a pesca, uma fonte importante de sustento para milhões de pessoas, além de afetar a proteção natural contra eventos climáticos extremos, como tsunamis e tempestades. A urbanização descontrolada também foi apontada como um fator chave na degradação ambiental. E02 alertou que "as áreas urbanas continuam se expandindo de forma desordenada, ocupando espaços antes naturais e fragmentando habitats importantes para a fauna". E06 explicou que "o crescimento desordenado das cidades também tem levado à impermeabilização do solo, dificultando a infiltração da água da chuva e aumentando o risco de enchentes".

O aumento da urbanização não só provoca a destruição de habitats naturais, mas também agrava problemas como a poluição do ar, o aumento das ilhas de calor nas cidades e o desperdício de recursos naturais. A prática de monocultura, principalmente na agricultura, foi outro tema abordado pelos entrevistados. E05 observou que "a monocultura não só degrada o solo devido à falta de rotação de culturas, mas também reduz a biodiversidade, pois as áreas cultivadas ficam restritas a uma única espécie". E01 e E03 destacaram que a agricultura intensiva, que envolve o uso maciço de fertilizantes e pesticidas, prejudica a saúde do solo, tornando-o cada vez mais dependente de produtos químicos para manter a produtividade. Além disso, essa prática reduz a capacidade do solo de reter nutrientes e água, tornando-o mais vulnerável à erosão e à degradação.

A mineração também foi apontada como uma das principais responsáveis pela degradação ambiental. E07 relatou que "a mineração, especialmente em áreas de floresta tropical, tem causado a destruição de grandes áreas de vegetação e a poluição dos rios com metais pesados". E10 complementou, afirmando que "o impacto da

mineração vai além da destruição imediata, pois o solo afetado por essa atividade demora muito a se regenerar, e os ecossistemas ao redor sofrem com a contaminação contínua". A exploração mineral, além de destruir habitats naturais, tem implicações sérias para a saúde humana, devido à contaminação das fontes de água e à emissão de poeira e gases tóxicos.

As queimadas também foram identificadas como uma prática prejudicial ao meio ambiente. E06 e E04 mencionaram que as queimadas, especialmente em regiões como o Cerrado e a Amazônia, são responsáveis por grandes emissões de gases de efeito estufa, como o dióxido de carbono. E05 alertou que "as queimadas não afetam apenas a qualidade do ar, tornando-o poluído e nocivo à saúde humana, mas também destroem a vegetação, tornando a regeneração do solo mais difícil". Além disso, as queimadas afetam diretamente a fauna, que muitas vezes não consegue escapar do fogo, levando à perda de biodiversidade.

A mudança no uso do solo, especialmente a conversão de áreas florestais para atividades agrícolas e urbanas, tem causado a fragmentação de habitats essenciais para diversas espécies. E01 observou que "a conversão de áreas de floresta para agricultura ou pastagem altera completamente a estrutura do habitat e fragmenta os ecossistemas, tornando mais difícil a sobrevivência de espécies". E09 complementou, afirmando que "os corredores ecológicos, fundamentais para a migração e reprodução de muitas espécies, estão desaparecendo devido à urbanização e à agricultura extensiva, levando à diminuição da diversidade genética das populações".

Outro impacto relacionado à degradação ambiental é a alteração nas áreas de recarga de aquíferos. E10 afirmou que "a impermeabilização do solo nas áreas urbanas e a exploração excessiva de água em regiões rurais têm comprometido a capacidade de recarga dos aquíferos subterrâneos, essenciais para o abastecimento de água em muitas regiões". E02 ressaltou que "sem a devida proteção das áreas de recarga, os aquíferos tornam-se mais vulneráveis à contaminação e ao esgotamento, o que pode levar à escassez de água a longo prazo".

A degradação dessas áreas compromete a disponibilidade de água potável, o que agrava a crise hídrica em várias regiões. A degradação ambiental também tem afetado as comunidades tradicionais, como os povos indígenas e as populações ribeirinhas, que dependem diretamente dos recursos naturais para sua sobrevivência. E03 e E07 apontaram que "essas comunidades têm sofrido com a perda de seus territórios, que são invadidos por grandes projetos de infraestrutura, mineração e agronegócio". E09 destacou que "as comunidades que vivem da caça, pesca e coleta de frutos têm se visto forçadas a abandonar suas práticas tradicionais de manejo sustentável, sem ter acesso a alternativas viáveis para a sua sobrevivência".

Por fim, a degradação ambiental tem aumentado a vulnerabilidade das populações a desastres naturais. E08 observou que "as áreas que sofrem com a desflorestação e a urbanização descontrolada se tornam mais suscetíveis a deslizamentos de terra, inundações e outros eventos climáticos extremos". E04 e E06 complementaram, ressaltando que "as enchentes, por exemplo, têm se tornado mais frequentes e intensas, em parte devido à degradação ambiental, especialmente à destruição das áreas de preservação e à impermeabilização do solo". Esses desastres afetam de maneira desproporcional as populações mais vulneráveis, exacerbando as desigualdades sociais. Esses relatos revelam a complexidade da degradação ambiental e a necessidade urgente de adotar políticas públicas que promovam a sustentabilidade, protejam os ecossistemas e garantam a sobrevivência das comunidades mais afetadas.

IV. Conclusão

A pesquisa evidenciou que a degradação ambiental, impulsionada por diversas atividades humanas, tem causado danos profundos aos ecossistemas e à qualidade de vida das populações. A partir das entrevistas realizadas, ficou claro que, embora haja avanços em termos de políticas públicas e ações de preservação, a resistência a mudanças de práticas e a falta de fiscalização ainda dificultam a reversão de muitos dos impactos negativos causados pelas atividades antrópicas. É possível perceber, também, que as áreas mais afetadas pela degradação são aquelas em que as práticas de exploração intensiva dos recursos naturais são mais comuns, como a agricultura, a mineração e a urbanização desordenada. Os profissionais entrevistados apontaram que, para que haja uma mudança real, é fundamental repensar o modelo de desenvolvimento adotado, priorizando a sustentabilidade e o uso responsável dos recursos naturais. No entanto, a pesquisa também revelou que existem alternativas viáveis para a mitigação da degradação ambiental, como a implementação de políticas públicas voltadas para o reflorestamento, a agricultura sustentável e a proteção de áreas de conservação. O fortalecimento da fiscalização e a criação de incentivos econômicos para práticas mais verdes também foram sugeridos como medidas eficazes para promover a sustentabilidade. Por fim, conclui-se que a degradação ambiental é um fenômeno complexo e multifacetado, que exige esforços conjuntos e contínuos de diversos setores da sociedade. A mudança de paradigma, com a adoção de práticas mais sustentáveis e a conscientização sobre a importância da preservação ambiental, é essencial para garantir um futuro mais equilibrado e saudável para as gerações futuras.

References

- [1]. Santos, W. A. F.; Baptista, J. A. A. Investimento Das Pequenas Empresas No Tripé Da Sustentabilidade. *Repae*, V. 2, N. 1, 2016.
- [2]. Silva, T. G. E. Economia Circular: Um Panorama Do Estado Da Arte Das Políticas Públicas No Brasil. *Revista Produção Online*, 21(3), 951-972, 2021.

- [3]. Souza Filho, M. M.; Polidório, G. R. S. A Importância Da Gestão Socioambiental Nas Empresas. *Intertemas*, V. 12, N. 12, 2016.
- [4]. Souza, F. R. Economia Circular Na Indústria Eletroeletrônica: O Caso Da Empresa Abc. *Revista Produção Online*, 23(3), 5003, 2024.
- [5]. Teixeira, M. A. C. Et Al. A Economia Circular Nos Negócios Empreendedores. *Revista Livre De Sustentabilidade E Empreendedorismo*, V. 8, N. 3, 2023.
- [6]. Zanatta, P. Gestão Ambiental E O Desenvolvimento Sustentável. *Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental*, [S. L.], V. 6, N. 3, P. 296–312, 2017.